

As memórias de Oliveira Lima.

O público ainda dando preferência às biografias e às histórias nas quais transparece um profundo sentido de humanidade. Por isso ficou pensando que este instante do mundo animal, um princípio de crepúsculo, que os homens estão velhos e o espírito dos homens procura na reminiscência o sabor de uma consolação. Porque essa preferência pelas histórias vividas, pelas ansiedades, os dramas mortos, as intrigas, toda a trama que faz o interesse da vida e personaliza as existências isoladas, esse interesse revela uma tendência de saudade. São as horas interiormente tranquilas aquelas que geram a fome do homem pelo seu semelhante. Os velhos é que preferem, naturalmente, as biografias, os desenhos das vidas que passaram, o clima para sempre silencioso da história. A tendência literária deste hora talvez revele um melancólico sintoma.

Oliveira Lima, que acabou de ler e a quem devo o sorriso de indulgência que os vivos devem ter em face da quieta lembrança dos mortos e que foi para mim, durante a leitura de seu livro postumo, o meu clima espiritual, pertenceu a esta geração que soube guardar para a satisfação final das singanças tardias as menores fotos colhidas sobre os panoramas das fraquezas alheias. Daí o sabor malicioso do livro, em cujas páginas figuras de ontem, e algumas ainda contemporâneas, aparecem despidas daquela atmosfera de respeito e louvor que as envolveu nas horas culminantes.

O professor da Universidade Católica de Washington não foi um bom escritor. Em compensação teve espírito e possuiu uma mordacidade admirável. Seu texto

uão tem aquela agilidade luminosa dos estilos
bem disciplinados por uma longa jornada de subor-
diinação à poesia da língua. Mas em certos es-
critores — e é o caso de Oliveira Lima — o
que se quer é a vivacidade nos julgamentos, a exa-
ctidão pessoal dos conceitos, a sinceridade no desenho
das figuras focadas. É a grande virtude de Oliveira
Lima, que foi diplomata e historiador e por isso co-
lheu talvez a mais farte e a mais interessante
de fatos em torno das nossas figuras projetadas sobre
o clima estrangeiro, e possuir uma visão extraor-
dinariamente original sobre os homens e sobre as
coisas, e principalmente, a capacidade de dizer o que
se sente e revelar em admiráveis depoimentos aquelas
coisas que em geral ficam escondidas sob o manto
das conveniências.

Não há dúvida que qualquer um de nós poderá
escrever sobre a verdade sobre a época que estamos
vivendo e os homens que a representam. Em todos
os setores, e principalmente entre os bastidores lite-
rários, haverá sempre capaz de interessar os poucos
espíritos piedosos que certamente ainda viverão no
futuro. Mas não sei se o nosso pragmatismo permiti-
rá a publicação dos textos sinceros em vida
do autor...

Oliveira Lima, nas suas "Memórias", apareceu
em edição postuma sem ferver...

É o editor José Olímpio foi feliz na em-
presa, pois a hora que atravessamos inclina o espí-
rito dos homens para a doçura da recordação e
a serenidade de outras épocas, em que as brigas

PEY li 0294

Sint. 59614

das co-madres letradas incluem o raso daquelas som-
bras humanas.

Reinaldo MOURA